

DÍVIDA

Primeiro, os bancos...

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

O País poderá pagar algo ainda neste ano aos bancos? "Numa negociação, tudo é possível", retrucou. "Mas é evidente que o Brasil, como o presidente da República já deixou claro desde a campanha eleitoral, busca uma solução definitiva para a dívida. Então, qualquer pagamento tem que ser visto dentro de um contexto de um resultado duradouro."

Os banqueiros se queixam, enfim, que a proposta brasileira deixa o grosso dos pagamentos aos credores para os futuros governos. Isso estaria atrapalhando os entendimentos? "Acredito que não", rebateu Dauster. "Porque o que não interessa nem a nós nem aos banqueiros é o tipo de solução que foi feita no papel. O número pode parecer bonito na hora, mas só dura alguns meses. Isso não interessa a ninguém."

Primeiro, os bancos querem os atrasados

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O comitê assessor de bancos para o Brasil apresentou ontem sua contraproposta ao embaixador extraordinário para a dívida externa, Jório Dauster. Um banqueiro com acesso ao comitê confirmou a este jornal que a proposta envolve a separação dos juros atrasados e do restante do débito.

Isso significa que os bancos querem primeiro tratar dos juros atrasados (cerca de US\$ 7,3 bilhões até setembro) e não incluí-los num pacote só como sugeria a proposta inicial do Brasil. O embaixador Dauster, porém, não quis dar detalhe algum de seu diálogo de duas horas e meia com os banqueiros.

"Foi uma sessão de trabalho produtiva", resumiria o embaixador brasileiro no final da tarde de ontem, com comentários à proposta do Brasil, sobre o trabalho do subcomitê técnico no Brasil. "Eles apresentaram idéias também. Ou seja, normal, um dia de trabalho normal. E amanhã tem mais."

Os bancos fizeram alguma proposta? "Fizeram, trouxeram idéias também, deles", admitiu Dauster. E poderia ele dar detalhe dessas idéias dos bancos? "Não", foi a resposta seca. Mas as idéias dos banqueiros passam pela afirmação de que o País pode pagar mais do que se propôs?

A resposta de Dauster não é muito precisa: "Eles fizeram comentários sobre o trabalho que realizaram no Brasil. E obviamente esse é um diálogo que apenas foi iniciado". Por acaso o embaixador considera via-

veis os comentários dos bancos? Ele informou então que amanhã, a partir das onze horas da manhã, "nós vamos até comentar os comentários".

Os banqueiros, de sua parte, não estavam num dia de bom humor ontem. O executivo sênior internacional do Citicorp, que supervisiona o comitê, William Rhodes, deixou isso claro logo antes da reunião quando os jornalistas lhe perguntaram se poderia ajudá-los: "Não", disse ele. Teria, porém, algum comentário antes do encontro com Dauster? "Vamos esperar e ver o que acontece", encerrou. O embaixador Dauster, antes do encontro, exibiu rapidamente os seus parâmetros. Ele considera que o governo Collor nunca teve uma expectativa de obter um acordo com os bancos credores até dezembro próximo. "O que há é o desejo de andar o mais rápido possível", explicou.

Os banqueiros ameaçam com a idéia de que o Brasil pode pagar mais do que se propôs. "Vamos ouvir os argumentos", disse o negociador oficial. "O Brasil apresentou argumentos conceituais e números. Agora precisamos ouvir deles."

(Continua na página 21)